

Tesis en formato multipapel: lo develamiento de una posibilidad en la perspectiva fenomenológica de la investigación

Gabriele de Sousa Lins Mutti

gabi_mutti@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6347-7207>

Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Paraná (SEED)

Foz do Iguaçu, Brasil.

Tiago Emanuel Klüber

tiagokluber@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0971-6016>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Cascavel, Brasil.

Recibido: 23/10/2021 **Aceptado:** 15/02/2022

Resumen

Hablar del movimiento de construcción de una tesis implica hablar de investigación. La investigación, a su vez, dice de una acción de búsqueda intencional que tiene como objetivo sacar a la luz significados sobre un objeto de estudio. Considerando las diferentes formas en que se puede decir de un objeto de estudio, nos dedicamos, en este texto, a las posibilidades que surgen de la construcción de una tesis, desde la perspectiva fenomenológica de la investigación, en el formato Multipaper. Con este fin, nos dirigimos a las particularidades sobre el formato Multipaper presente en los documentos que rigen los programas de posgrado stricto sensu brasileños en las áreas de Educación y Enseñanza y a la literatura brasileña e internacional dirigida a este tema, buscando centrarse en sus aspectos epistemológicos y filosóficos. Destacamos que las discusiones esbozadas revelaron que la producción de una tesis Multipaper, desde la perspectiva fenomenológica, puede entenderse como constituida por momentos/artículos que, aunque puedan ser dados a conocer, es decir, publicados por separado, permanecen, en su génesis, dependientes de la cuestión que los establece y parte integrante de un todo más amplio, la tesis.

Palabras clave: Formato de artículo. Fenomenología. Investigación cualitativa. Tesis.

Tese no formato multipaper: desvelando uma possibilidade na perspectiva fenomenológica de investigação

Resumo

Falar sobre o movimento de construção de uma tese envolve falar sobre pesquisa. A pesquisa, por sua vez, diz de uma ação de busca intencional que visa trazer à luz, acepções acerca de um objeto de estudo. Considerando os diferentes modos pelos quais pode-se dizer de um objeto de estudo, dedicamo-nos, neste texto, as possibilidades que emergem da construção de uma tese, sob a perspectiva fenomenológica de investigação, no formato Multipaper. Para tanto, voltamo-

nos para as particularidades acerca do formato Multipaper presentes nos documentos que regem os programas de pós-graduação stricto sensu brasileiros das áreas de Educação e Ensino e para a literatura brasileira e internacional dirigida a essa temática, buscando focar seus aspectos epistemológicos e filosóficos. Ressaltamos que as discussões delineadas revelaram que a produção de uma tese Multipaper, na perspectiva fenomenológica, pode ser entendida como constituída de momentos/artigos que ainda que possam ser dados a conhecer, isto é, publicados separadamente, continuam, em sua gênese, dependentes da interrogação que os instaura e parte integrante de um todo mais amplo, a tese.

Palavras-chave: Formato de artigos. Fenomenologia. Pesquisa qualitativa. Tese.

Thesis in multipaper format: unveiling a possibility in the phenomenological perspective of research

Abstract

Talking about the movement of building a thesis involves talking about research. The research, in turn, says of an intentional search action that aims to bring to light meanings about an object of study. Considering the different ways in which one can say of an object of study, we dedicate ourselves, in this text, the possibilities that emerge from the construction of a thesis, from the phenomenological perspective of research, in the Multipaper format. To this end, we turn to the particularities about the Multipaper format present in the documents that govern brazilian stricto sensu graduate programs in the areas of Education and Teaching and to the Brazilian and international literature directed to this theme, seeking to focus on its epistemological and philosophical aspects. We emphasize that the discussions outlined revealed that the production of a Multipaper thesis, from the phenomenological perspective, can be understood as constituted of moments/articles that, even if they can be made known, that is, published separately, remain, in its genesis, dependent on the question that establishes them and an integral part of a broader whole, the thesis.

Keywords: Article format. Phenomenology. Qualitative research. Thesis.

Sobre o contexto do ensaio

Falar do movimento de construção de uma tese¹ envolve, antes de qualquer coisa, falar de pesquisa. Com sua raiz etimológica no latim *perquirere*, a palavra pesquisa significa, originalmente, “buscar com cuidado, procurar por toda a parte . . . perguntar; indagar

¹ A palavra tese, do latim e do grego *thesis*, tem diferentes significados quando considerada sob ótica das correntes filosóficas. No aristotelismo, por exemplo, ela é tomada como uma suposição assumida como “princípio teórico que fundamenta uma demonstração, argumentação ou um processo discursivo” (Houaiss, 2017, p. 1). Já no kantismo, ela é entendida como “[proposição racional] a respeito dos princípios fundamentais da realidade (Houaiss, 2017, p. 1). Nesse texto, entretanto, para além das compreensões filosóficas, referimo-nos a tese como uma proposição apresentada em uma universidade para obtenção do título acadêmico de doutor (Japiassú & Marcondes, 2002). Ressaltamos que ainda que grande parte das discussões aqui esboçadas sejam convergentes ao movimento de elaboração de outros tipos de pesquisa acadêmica, como a de uma dissertação, nos ateremos especificamente a tese por estarmos, nós mesmos, empenhados, na ocasião da escrita desse texto, no movimento de construção de uma.

profundamente, aprofundar” (Houaiss, 2017, p.1). Nesses significados, vemos constituir-se a compreensão do pesquisar como ação de busca intencional, que solicita daquele que a ela se dedica, atenção, diligência e rigor epistemológico. Ressaltamos que embora existam diferentes compreensões do que possa ser uma ação intencional, nós a tomaremos nesse ensaio como um “se [estender] a... e [voltar-se] sobre [grifos do autor]. Essa intencionalidade é, em si, o próprio movimento da consciência” (Klüber, 2012, p. 55). Em síntese, o movimento de construção de uma tese expressa o esforço do pesquisador na tentativa de trazer à luz, com refletida consideração, novas acepções acerca de seu fenômeno de estudo, de tal modo que seus aspectos mais essenciais sejam *dados a conhecer*.

A expressão verbal *dar a conhecer* assume nesse caso uma função semântica específica, a de *comunicar*. Comunicação tomada numa perspectiva próxima a mencionada por Gadamer (1997), enquanto *fusão de horizontes*. Não se trata, portanto, da simples ação de *informar*, mas sim, de permitir ao pesquisador partilhar *significações* (Ricoeur, 2005) tanto das experiências vividas durante o desenvolvimento da pesquisa, quanto das compreensões que constituiu acerca do fenômeno focado.

Mencionamos a ação de partilhar significações, pois entendemos, assim como Heidegger (2015), não ser possível a transposição fidedigna de experiências e reflexões, isto é, o mero deslocamento de vivências do ser-pesquisador para o ser-leitor. Referimo-nos, por outro lado, a ação que envolve a tomada de consciência do pesquisador acerca do fenômeno de estudo e o esforço de explicitação do sentido que atribui a ele desde a perspectiva sob a qual o interroga. Lembrando que “sentido é aquilo em que sustenta a compreensibilidade de alguma coisa . . . aquilo que pode articular-se na abertura compreensiva . . . questionar sobre o sentido do ser [envolve perguntar] sobre ele mesmo na medida em que ele se dá dentro da compreensibilidade da presença” (Heidegger, 2015, p. 213).

Desse fluxo, evidenciam-se oportunidades de interlocução entre pesquisador e leitor que, por sua vez, podem encerrar novas inquietações e apropriações, estendendo as reflexões que outrora eram particulares, a esfera coletiva. Há assim, à disposição comum e já presente, manifestada na abertura altruísta de ambos, pesquisador e leitor, à apreensão do expresso pela *linguagem*.

Mas, o que é a *linguagem*? Longe de buscarmos por uma definição sistemática e talvez limitada desse termo, essa indagação intenciona disparar reflexões que nos permitam discuti-la,

sob a ótica da construção de uma tese, para além de suas atribuições linguísticas, enquanto meio de representação de ideias expressas por signos, sejam eles gráficos, sonoros ou gestuais. Corroborando com isso, Merleau-Ponty (1977, p. 85) afirma que a linguagem não se restringe a um sistema de símbolos, tampouco a uma estrutura fonética e, concordando com Husserl, avança dizendo que “falar não é, em absoluto, traduzir um pensamento em palavras, mas focalizar certo objeto pela palavra”.

Considerando, portanto, que a fala é, segundo Heidegger (2015, p. 225), “a articulação em significações da compreensibilidade inserida na disposição do ser-no-mundo” e que a ação de falar envolve, como vimos, o movimento de focalizar o objeto de estudo pela palavra, podemos dizer que ao construir uma tese o pesquisador busca, intencionalmente, por asserções articuladas que o permitam não só dizer sobre o seu objeto de estudo, mas, além disso, “[manifestar suas] perspectivas sobre as coisas e [introduzir] nelas um relevo que inaugura uma discussão que não termina consigo, suscita ela própria uma procura” (Merleau-Ponty, 1962a, p. 11, inserção nossa).

Podemos inferir então, que ao manifestar suas perspectivas sobre seu objeto de estudo o pesquisador se mostra dotado do

poder de organizar em torno [deste mesmo objeto] discursos que formam sentido coerente, e este poder não advém de [o] possuir absolutamente e [contemplá-lo] face a face, mas da circunstância de haver adquirido um certo estilo de pensamento. [Diz se, portanto,] que uma significação é adquirida e a partir de então disponível, quando [o pesquisador consegue] fazê-la habitar um aparelho de palavra que não lhe é inicialmente destinado (Merleau-Ponty, 1962b, p. 133, inserção nossa).

Depreende-se dessa citação, que o movimento intencional do pesquisador voltado à organização, em torno do objeto de estudo, de um discurso que se exponha clara e articuladamente de modo que possa fazer sentido ao leitor, revela, como já dissemos, uma disposição que se expressa pela sua capacidade de fazê-lo habitar a *palavra*. Tomamos aqui *palavra* não enquanto simples unidade de linguagem, mas enquanto *davár* (hebraico), *lógos* (grego), ou seja, uma *declaração completa do pensamento* que se corporifica² por meio da *escrita*.

A *escrita*, no que lhe diz respeito, é “a plena manifestação do discurso” (Ricoeur, 2005, p. 42). Essa manifestação,

não é apenas a fixação de um discurso oral prévio, a inscrição da linguagem falada, mas é pensamento humano diretamente trazido à escrita sem o estágio intermediário

² Torna-se visível, se materializando ou se manifestando concretamente por meio da escrita.

da linguagem falada. A escrita toma o lugar da fala. Tem lugar uma espécie de atalho entre a significação do discurso e o meio material (Ricoeur, 2005, p. 45-46).

É a essa tarefa que se dedica o pesquisador ao escrever sua tese, a de dizer textualmente de seu objeto de estudo, buscando evidenciar suas especificidades, sua estrutura constitutiva, sua essência³ a partir da perspectiva em que o visa, delineando um movimento de escrita lúcido e minucioso, de tal modo que seja lançado ao leitor um convite ao diálogo, à aproximação, ao sentir-se intrigado, à instauração de novas interrogações que vão se explicitando à medida que ele se vê submerso nas discussões e reflexões esboçadas pelo pesquisador em seu texto.

Assim sendo, falar do discurso fixado pela escrita é o mesmo que falar de um “texto [que se abre a] um novo mundo entre dizer, escrever e interpretar, entre aquele que diz e que escreve, entre aquele que lê – o leitor – e o que escreve – autor” (Bicudo, 1993, p. 88-89).

Nessa dimensão, e refletindo acerca do que diz Heidegger (2015) sobre a existência de *diferentes modos de dizer*, que se fazem distintos pela entonação da voz e até mesmo pelo ritmo, somos levados a olhar atentamente para *os diferentes modos de dizer* quando intencionamos *dar a conhecer* o objeto de estudo por meio de um texto qualquer e, neste caso, de uma tese, pois entendemos que assim como a fala pode remeter a distintas sensações por meio da entonação e do ritmo, o texto de uma tese pode explicitar diferentes possibilidades de reflexão e compreensão por meio do modo como o pesquisador delineia suas argumentações e as apresenta.

E é sobre esse último aspecto, a saber, o modo como o pesquisador delineia suas argumentações e as apresenta, que teceremos considerações nesse ensaio. Discorreremos sobre um modo específico de apresentação do que é dito sobre um objeto de estudo no desenrolar de uma tese, o formato⁴ *Multipaper*, em última instância, expomos uma compreensão fenomenológica sobre esse formato. Essa compreensão, diz não apenas das aberturas interpretativas possibilitadas pelo olhar atento ao que já se mostra sobre esse formato na literatura nacional e internacional, mas aquelas provenientes de uma incursão cuidadosa acerca do próprio movimento de pesquisa descrito pelo pesquisador, que se lança num fazer orientado

³ “A ‘essência’ deve ser, então, entendida em Husserl não como uma “forma pura” que subsiste por si mesma, independentemente do modo como se mostra à consciência intencional, mas sim, como o que é retido no pensamento pela . . . variação imaginária [refere-se] ao núcleo invariante da coisa, isto é, ao que persiste na coisa pensada mesmo diante de todas as variações as quais a submeto” (Tourinho, 2013, p. 6).

⁴ Alguns autores, como Fiorentini (2016), referem-se ao *Multipaper* como uma modalidade de tese. As duas expressões, no entanto, formato e modalidade, remetem em seus significados originais ao aspecto, a configuração física ou mesmo a um conjunto de dimensões assumido como norma padrão para a estruturação de um texto.

pelo sentido que se mostra do interrogado. Como veremos, é esse sentido que delineada a estrutura, isto é, indica o modo como a pesquisa será apresentada.

O interesse pelo formato *Multipaper* advém, inicialmente, de nossas próprias inquietações ao nos vermos absortos no movimento de construção de uma tese no contexto de um programa de pós-graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática⁵ da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, em que nos foi aberta, como uma das possibilidades, a apresentação da pesquisa nesse formato.

Ressaltamos, entretanto, que as inquietações que nos levaram ao estudo e as reflexões que buscamos trazer à luz nesse ensaio, não dizem respeito, meramente, a questões de *layout*, mais do que isso, elas dizem do fato de tomarmos a possibilidade de escolha pelo *Multipaper* para além dos aspectos estruturais e organizacionais do texto. Buscamos, por outro lado, ponderar acerca das implicações filosóficas e epistemológicas de sua adoção no âmbito de uma pesquisa assumida sob a *perspectiva fenomenológica de investigação*, a qual nos filiamos.

Dito isso, esclarecemos que intencionamos neste texto não só expor as inquietações e as dúvidas que vieram à tona quando interrogávamos a possibilidade de produzirmos uma tese no formato *Multipaper* de uma perspectiva fenomenológica de investigação, mas, destacadamente, explicitar as significações que foram sendo constituídas das compreensões que construímos ao tomá-lo como foco de pesquisa, em um movimento intencional e rigoroso que envolveu leituras, pesquisa de levantamento e reflexões.

A originalidade e pertinência desse estudo se mostram pela inexistência, no contexto acadêmico brasileiro, de pesquisas dedicadas à produção de dissertações e teses no formato *Multipaper* desenvolvidas na perspectiva fenomenológica e, como veremos por meio do levantamento realizado e exposto nos próximos subtítulos, pelo crescente número de programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros das áreas de Educação e Ensino em nível de mestrado e doutorado que têm, em seus regulamentos, aberto aos estudantes a possibilidade de apresentarem suas pesquisas por meio do formato *Multipaper* ou, como dizem alguns desses documentos, coletâneas de artigos.

Podemos dizer, desse modo, que a temática proposta neste ensaio se mostra como um campo ainda pouco explorado, o que atesta a relevância de suscitarmos sobre ele estudos mais

⁵ Destacamos que esse texto é parte integrante de uma tese no formato multipaper, desenvolvida no contexto da comunidade da Educação Matemática.

aprofundados. Além disso, abre-se dessa discussão a oportunidade não só de contribuirmos com a comunidade acadêmica, mas de subsidiarmos rigorosamente nosso próprio fazer ao considerarmos a possibilidade de desenvolvermos uma pesquisa neste formato.

Sendo assim, iniciamos o texto chamando à atenção ao que queremos dizer quando falamos do formato *Multipaper* para a escrita de uma tese, suas particularidades, aspectos vistos como promissores e àqueles sobre os quais existem ressalvas, bem como sua menção desde o conjunto dos regulamentos dos programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros das áreas de Educação e Ensino.

Concluimos delineando considerações advindas de um esforço para compreender as possibilidades que se mostram no movimento intencional de construção de uma tese no formato *Multipaper*, assumido sob a perspectiva fenomenológica de pesquisa.

Uma breve incursão sobre o formato *Multipaper*

O movimento de construção de uma tese envolve, como dissemos no início desse ensaio, uma inquietação que incita o pesquisador a interrogar de modo intencional seu objeto de estudo. O anseio de ver de modo claro as particularidades do objeto focado, seus aspectos mais essenciais, levam o pesquisador a buscar por leituras e por procedimentos de produção e análise de dados que o deixem dizer de seu objeto de estudo, esboçando sobre este, interpretações que possam trazer à luz novas significações.

Com efeito, toda a trajetória de investigação percorrida e as possíveis significações que se explicitam das compreensões que são constituídas acerca do objeto focado, são textualmente organizadas de modo a compor o documento que as *dará a conhecer*, a saber, a tese. No Brasil e demais países do mundo, as teses costumam ser organizadas, notadamente, em dois formatos: o dito *monográfico* ou *tradicional* e o *Multipaper* ou *alternativo*, sobre o qual discorreremos pormenorizadamente nesse subtítulo.

O formato *tradicional*, ainda predominante no meio acadêmico, advém, segundo Badley (2009), da Alemanha, e os primeiros trabalhos publicados nesse formato datam do século XIX. Duke & Beck (1999, p. 31, tradução nossa) caracterizam esse formato como “um longo documento (tipicamente 200-400 páginas) em um único tópico apresentado através de capítulos separados em introdução, revisão de literatura, metodologia, resultados e conclusões”.

Ainda que possa haver diferenças na disposição dos capítulos de uma tese no formato tradicional, em função da perspectiva de pesquisa adotada pelo pesquisador, é recorrente o fato de a introdução ser tomada como a seção do texto em que são explicitados a(s) interrogação(ões) que norteiam a pesquisa, o contexto no qual ela se deu e, caso apresentem, os seus objetivos.

A revisão de literatura, por outro lado, constitui-se na seção do texto em que o pesquisador apresenta a fundamentação teórica que estruturará o estudo ou que fornecerá o panorama do que tem sido pesquisado sobre o objeto de estudo, abrindo possibilidade de diálogo com a literatura.

No capítulo dedicado à Metodologia, habitualmente, o pesquisador discorre sobre a postura de investigação assumida, os procedimentos que foram adotados para o desenvolvimento da pesquisa, incluindo, a coleta, a categorização e análise dos dados. Já nos resultados e/ou discussões, são apresentados os núcleos de ideias que foram construídos durante o estudo, seus aspectos particulares e o que dizem sobre o objeto focado. E, finalmente, nas considerações finais, faz-se um apanhado das discussões apresentadas durante a pesquisa buscando expor sugestões de novas possibilidades de pesquisa que se abrem a partir da realizada.

O formato *Multipaper*, também chamado de *coletânea de artigos*, formato *de artigos*, formato *insubordinado* (Barbosa, 2015) ou formato *alternativo*, por sua vez, teve sua primeira menção no âmbito da pesquisa acadêmica na década de 1960, no Reino Unido e, posteriormente, nos Estados Unidos, disseminando-se lenta, mas progressivamente, pelos demais países do mundo (Costa, 2014).

A tese nesse formato é composta por “um conjunto de artigos [geralmente] escritos em coautoria com o orientador” (Fiorentini, 2016, p. 52). Eles possuem características próprias, isto é, cada um dos artigos que compõem o texto da tese pode apresentar objetivos, revisão de literatura, procedimentos metodológicos, resultados e conclusões particulares (Frank & Yukihiro, 2013). Por mais que apresentem discussões que estejam inter-relacionadas esses artigos podem ser submetidos e publicados separadamente, em diferentes periódicos.

Embora não haja, como menciona Badley (2009), muitas pesquisas que tenham se dedicado ao estudo do formato *Multipaper*, a literatura nacional e internacional que levantamos para a produção desse artigo, nos permite elencar alguns aspectos que lhe são favoráveis e outros que justificam as ressalvas que recaem sobre ele.

Dentre os aspectos vistos como favoráveis estão: a possibilidade de constituição de uma tese de forma colaborativa⁶ (Fiorentini, 2016); a agilidade de divulgação dos resultados da pesquisa, incluindo aqui os novos conhecimentos que por ventura advenham dela; a aquisição de estofo para produções e orientações futuras, uma vez que o pesquisador se familiariza com as exigências e os processos de submissão e revisão pelos pares quando a produção da tese visa a publicação não apenas cumprimento das normas institucionais do programa de pós-graduação ao qual está inserida; os pesquisadores podem se encarregar de diferentes aspectos do seu campo de estudo, tanto em termos de conhecimento por meio de uma revisão abrangente da literatura e abordagens de pesquisa, como por protocolos de pesquisa que pode resultar no alcance de um público de leitores que não seria possível através da publicação de um livro, por exemplo; maior exposição do pesquisador que poderá facilitar a obtenção de subsídio para a pesquisa por meio de órgãos de fomento (Duke & Beck, 1999).

No que diz respeito aos aspectos favoráveis especificamente voltados ao campo da pesquisa educacional, podemos mencionar “[a ruptura] com a representação tradicional da pesquisa educacional” (Barbosa, 2015, p. 350) e a ampliação das chances de o conteúdo da pesquisa se tornar acessível e passível de ser desenvolvido em âmbito escolar, haja visto que o formato de artigos facilita, consideravelmente, a leitura por professores, membros da coordenação pedagógica e gestão escolar, que, pela rotina de trabalho exacerbada, dispõem de pouco tempo (Duke & Beck, 1999).

No que concerne aos fatores que movem os membros da comunidade acadêmica a infligir ressalvas à possibilidade de escrita de uma tese no formato *Multipaper* se destacam: o período de espera envolvido no processo de submissão, avaliação e publicação de um artigo que, na maior parte dos periódicos, é longo e pode implicar no prazo de defesa da tese (Duke & Beck, 1999); a publicação de artigos que não evidenciem articulação com a pesquisa ou com os demais artigos sobre ela publicados, dificultando a compreensão do objeto estudado (Costa, 2014) e o aligeiramento do processo de produção do conhecimento que pode, segundo Fiorentini (2011), levar ao enfraquecimento dos resultados da pesquisa e de sua potencial contribuição científica e social.

⁶ Quando a escrita dos artigos que compõem as pesquisas se dá, por exemplo, em coautoria com diferentes membros de um grupo de pesquisa.

As posições antagônicas expostas sobre a construção de uma tese no formato *Multipaper*, longe de invalidar iniciativas de desenvolvimento de pesquisas a ele alinhados, revelam a urgência da ampliação do debate sobre essa temática e a necessidade, como dissemos no início desse texto, do aprofundamento de reflexões não só de fundo textual/prático relativas aos critérios sobre sua adoção estabelecidos pelos programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros das áreas de Educação e Ensino mas, notadamente, os de cunho filosófico/epistemológico os quais discutiremos nos próximos subtítulos.

Sobre o formato *Multipaper* nos programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros das áreas de Educação e Ensino⁷

Ao nos depararmos com a possibilidade de construir uma tese no formato *Multipaper*, incitados pela abertura a esse formato proposta pelo regulamento do programa de pós-graduação *stricto sensu* ao qual estamos vinculados, fomos tomados por inquietações que nos impulsionaram a aprofundar nossas compreensões acerca de suas particularidades. Essas inquietações levaram-nos, em um primeiro momento, ao levantamento de literatura dirigida ao formato *Multipaper*, tanto no contexto do *Google* acadêmico quanto no das referências bibliográficas mencionadas no corpo dos textos que foram levantados no intervalo da pesquisa. Desse movimento, emergiram produções nacionais como as de Costa (2014), Barbosa (2015), Fiorentini (2016) e Nassi-Calò (2016) e internacionais, como Badley (2009) e Duke & Beck (1999) e algumas das quais já citadas nesse texto.

Embora as pesquisas mencionadas tenham contribuído para que tivéssemos maior clareza quanto às características estruturais do formato *Multipaper* e à discussão, já instaurada em termos acadêmicos, quanto a seus aspectos promissores e sobre os quais ainda existem ressalvas, alguns deles ainda se mostravam para nós obscuros: estaria o formato *Multipaper* sendo considerado no âmbito dos programas de pós-graduação brasileiros das áreas de Educação e Ensino? Se considerados, quais seriam as orientações quanto a sua adoção para construção de

⁷ O foco do levantamento incidiu sobre as áreas da Pós-Graduação Brasileira definidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), especificamente, a Educação e o Ensino. Os programas com nomenclatura de Educação Matemática, correlatos e pesquisas de Educação Matemática estão inseridos nestas áreas. Contudo, na ocasião do levantamento, não escrutinamos esses aspectos, o que pode ser realizado em futuras pesquisas, sem prejuízo ao discutido neste ensaio. Para além disso, salientamos que a retomada a esse texto tem por objetivo apenas expor a região de inquérito sobre a qual se situa o ensaio de cunho filosófico ora apresentado.

dissertações e teses? O que diriam os regulamentos e normas desses programas quanto ao formato *Multipaper*?

As questões supracitadas nos levaram a realizar a pesquisa de levantamento sobre a qual falaremos sucintamente nesse subtítulo, pois uma versão mais extensa foi publicada no V Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos (SIPEQ) ocorrido na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná, no ano de 2018.

Assumindo a postura fenomenológica de investigação e orientados pela interrogação de pesquisa: *o que se mostra sobre o formato Multipaper nos documentos que orientam a elaboração de dissertações e teses nos programas de pós-graduação stricto sensu brasileiros das áreas de Educação e Ensino?* Realizamos, nos meses de novembro e dezembro do ano de 2017, uma busca no âmbito dos documentos – resoluções, regimentos, manuais para elaboração de dissertações e teses, deliberações e diretrizes para normalização de documentos – disponíveis nos sítios dos 335 programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros das áreas de Educação e Ensino mencionados na Plataforma Sucupira⁸.

Dessa busca, emergiram 31 programas, 25 deles de mestrado e doutorado, 1 apenas de doutorado, 4 apenas de mestrado e 1 de mestrado profissional, em cujos documentos há referência ao formato *Multipaper*.

Os documentos levantados foram considerados de modo que essa análise permitiu-nos chegar a um total de três núcleos de ideias⁹: “[NI1-] Exigências e ponderações quanto à apresentação de dissertações e teses no formato *Multipaper*; [NI2] - Dissertações e teses no formato *Multipaper*: particularidades e elementos básicos e [NI3] - Orientações quanto aos artigos que compõem as dissertações e teses no formato *Multipaper*” (Mutti & Klüber, 2018, p. 7, inserção nossa). Destacamos que o movimento que culminou nesses três núcleos de ideias é detalhadamente descrito no texto original do artigo que retomamos nesse subtítulo, artigo esse que, como dissemos anteriormente, foi publicado no ano de 2018.

Dentre as questões explicitadas no núcleo NI1, “Exigências e ponderações quanto à apresentação de dissertações e teses no formato *Multipaper*”, está a exigência de que até o ato

⁸ “É uma nova e importante ferramenta para coletar informações, realizar análises e avaliações e ser a base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG)” (Brasil, 2014, p.1).

⁹ Os núcleos de ideias são as convergências que foram sendo aos poucos estabelecidas entre os trechos dos documentos analisados considerados significativos pelos pesquisadores. Esses trechos, considerados conjuntamente permitiram que, paulatinamente, fossem sendo construídos redes de significados ou como chamamos, núcleos de ideias.

da defesa, os doutorandos que decidam junto a seus orientadores pelo formato *Multipaper*, tenham submetido ou publicado em periódicos com *Qualis*, ao menos dois dos artigos que comporão o texto da tese. Caso esses artigos já tenham sido publicados, há a necessidade de que seja apresentada uma declaração documental, assinada pelo editor do periódico ao qual o texto foi submetido, garantindo que o doutorando e orientador não estão infringindo direitos autorais ao apresentá-lo como parte da tese (Mutti & Klüber, 2018).

No núcleo NI2, “Dissertações e teses no formato *Multipaper*: particularidades e elementos básicos”, diz que a escolha pelo formato *Multipaper* está intrinsecamente associada à decisão do orientador da tese e revela quatro possibilidades que se mostraram dos documentos dos cursos de mestrado e doutorado analisados, quanto ao modo como podem ser construídas as pesquisas nesse formato (Mutti & Klüber, 2018). O quadro 1 apresenta essas possibilidades:

Quadro 1- Possibilidades de construção de dissertações e teses segundo os programas de pós-graduação *stricto sensu* das áreas de Educação e Ensino

P	Elementos constitutivos e sua disposição no texto da dissertação ou tese
P1	1º) Prefácio ou Introdução teórico-metodológica geral para todo o texto, contendo: contexto da pesquisa e referencial teórico (se for o caso) ¹⁰ , revisão de literatura, problema/hipóteses/objetivos da pesquisa (se for o caso) ou interrogação de pesquisa e materiais e métodos; 2º) Artigo 1, artigo 2...artigo n; 3º) Resultados e discussões, articulando o que é dito nos artigos (geral para todo o texto); 4º) Considerações finais (geral para todo o texto); 5º) Referências (geral para todo o texto ou apenas com as referências que não forem apresentadas nos artigos).
P2	1º) Introdução, contendo: contexto da pesquisa e referencial teórico (se for o caso), revisão de literatura, problema/hipóteses da pesquisa (se for o caso) ou interrogação de pesquisa (geral para todo o texto); 2º) Objetivos (geral para todo o texto); 3º) Materiais e métodos (geral para todo o texto); 4º) Artigo 1, artigo 2...artigo n; 5º) Considerações finais discutindo os principais resultados (geral para todo o texto); 6º) Referências (geral para todo o texto ou apenas com as referências que não forem apresentadas nos artigos).
P3	1º) Artigo 1; 2º) Artigo 2 ...nº) Artigo n
P4	Um único artigo

Fonte: (Mutti & Klüber, 2018, p. 8-9)

O núcleo NI3, “Orientações quanto aos artigos que comporão as dissertações e teses no formato *Multipaper*”, discorre sobre as exigências e orientações vinculadas à estrutura dos artigos que constituirão as dissertações e teses no formato *Multipaper*, bem como considerações dirigidas às discussões que serão neles apresentadas (Mutti & Klüber, 2018).

Quanto à estrutura, há, predominantemente, a orientação para que os artigos sejam organizados segundo as normas ditadas pelos periódicos aos quais serão submetidos. De um modo geral, esses artigos deverão apresentar: “título, resumo, palavras-chave, *abstract*,

¹⁰ Dependendo da perspectiva de pesquisa assumida esses elementos não se mostram necessários.

keywords, introdução, materiais e método, resultados e discussão, conclusões e referências” (Mutti & Klüber, 2018). Já no que concerne às discussões constantes nesses artigos, elas:

devem tratar de temas relacionados à linha de pesquisa do programa [de modo que] os artigos estejam conectados por elemento comum, sejam aspectos diferentes de um mesmo problema ou diferentes aplicações de um mesmo método. Deve haver alinhamento teórico-metodológico entre os artigos, focando o tema da dissertação ou tese, sendo imprescindível que ofereça contribuição original ao campo de pesquisa no qual se instaura (Mutti & Klüber, 2018).

Em síntese, esses três núcleos de ideias, quando reunidos, revelam a existência de um *corpus* bem estruturado de orientações não só quanto à elaboração e publicação de dissertações e teses no formato *Multipaper*, mas, quanto à estrutura e às discussões que deverão ser explicitadas nos artigos que as compõem, destacadamente, no que concerne ao rigor (Mutti & Klüber, 2018).

As exigências do formato *Multipaper* acima sintetizadas, complementaram o movimento investigativo necessário à elucidação do aspecto central do fenômeno, o formato *Multipaper* na perspectiva fenomenológica, ao qual nos dedicaremos.

Perspectiva fenomenológica de investigação e *Multipaper*: uma possibilidade

Na perspectiva fenomenológica de investigação, *pesquisar* implica envolver-se em um movimento *rigoroso* de busca pelo esclarecimento de aspectos do fenômeno¹¹ de pesquisa que ainda se mostram para aquele que indaga (o pesquisador) sem nitidez. Essa busca é instigada por uma inquietação que move o pesquisador a *interrogar profundamente* e de modo intencional.

A *intencionalidade* é para Husserl (2001c, p. 48, grifo do autor) “a particularidade intrínseca e geral que a consciência tem de ser consciência de qualquer coisa, de trazer, na sua qualidade de *cogito*, o seu *cogitatum*¹² em si próprio”. Sendo assim, envolver-se em um movimento *intencional* compreende focar o fenômeno de estudo, enlaçá-lo pela consciência, entendida como *consciência de...*, isto é, o fenômeno focado só se constitui como tal para uma consciência que o visa.

¹¹ Ao dizermos fenômeno referimo-nos aos “múltiplos modos subjetivos de doação graças aos quais temos consciência dos objetos” (Moura, 2006, p. 16).

¹² Assim como esclarece Broughton & Carriero (2010, p. 488) “a todo ‘eu penso’ pertence um ‘algo pensado’ (*cogitatum*) [grifo dos autores] como seu acusativo intrínseco”.

A *intencionalidade* explícita, desse modo, a diferença entre a *atitude natural* e a *fenomenológica*. Enquanto na *atitude natural* há um entendimento de que *as coisas são* dadas em si e subsistem independente da percepção (Husserl, 1990b), na *fenomenológica* “o objeto é intuído, percebido, assim só existe correlato à consciência, que é um *voltar-se para ...*” (Klüber, 2012, p. 57, grifo nosso).

Voltar-se para solicita a disposição do pesquisador em buscar pela essência do fenômeno interrogado sem “impor à pre-sença¹³ ‘categorias’ delineadas por aquela idéia (sic) (uma idéia (sic) qualquer de ser). Ao contrário, as modalidades de acesso e interpretação devem ser escolhidas de modo que esse ente possa *mostrar-se em si mesmo e por si mesmo*” (Heidegger, 2015, p. 40, grifo nosso). Deixar que o ente *se mostre em si mesmo* envolve interrogá-lo sem lançar sobre ele pré-julgamentos e, sem que sejam estabelecidas, categorias, hipóteses e resultados *a priori* que possam, de algum modo, ofuscar o que ele de fato é.

Eis que aí se assentava o cerne de nossa inquietação, tão logo cogitamos a possibilidade de constituição de uma pesquisa fenomenológica no formato *Multipaper: estaria esta possibilidade indo de encontro a um dos fundamentos da fenomenologia de deixar que o fenômeno se mostre em si mesmo, uma vez que a literatura dirigida ao formato Multipaper destaca a relevância de se construir um panorama prévio da investigação ao optar por delineá-la de tal modo?*

Como primeira reflexão fenomenológica, demo-nos conta de que ao interrogarmos sobre o formato *Multipaper* também passamos a interrogar sobre o formato que é vigente. Logo, ambos estariam sujeitos à mesma crítica, porque se explicitam como possibilidades para constituição de investigações, porém, em momentos e contextos distintos, conforme a região e as exigências institucionais que se modificam e acabam sendo aceitas ao longo de toda a tradição da pesquisa acadêmica. Ao dizermos isso, acabamos nos envolvendo num movimento de interrogar mais fundo, uma vez que voltamos-nos para a relação entre *doxa* e *episteme* no âmbito da pesquisa.

Quando falamos *doxa* referimo-nos ao legado acadêmico, isto é, ao modo como vem sendo concebida a compleição de uma tese em um único formato, o monográfico ou tradicional. Embora na *atitude natural doxa* e *episteme* possam ser entendidos como conceitos opostos, não é desse modo que os tomamos neste ensaio. Discutimos *episteme* não simplesmente em seu

¹³ Diz do *ser aí*, do *ser-no-mundo*, na *existência* (Heidegger, 2015).

sentido tradicional, como conhecimento científico, e sim “*epistēmē*, no sentido fenomenológico específico, [que] não é *epistēmē*, em oposição à *doxa*. Pelo contrário, é o *epistēmē*, da própria *doxa*, de toda possível *doxa*” (Gurwitsch, 1957, p. 397-398, tradução e inserção nossa).

Sendo assim, a tarefa a qual nos empenhamos não envolve oposição ou mesmo negação ao que, em analogia a Husserl (2008d), chamamos de *Lebenswelten*¹⁴ (mundo vivido) acadêmico que toma, predominantemente, em sua tradição o formato monográfico como próprio para o desenvolvimento de uma tese. Envolve, por outro lado, colocar em suspensão os saberes acerca dele, buscando considerar a produção de uma tese para além dele, isto é, olhando atentivamente para o formato *Multipaper* na perspectiva fenomenológica de investigação, cômicos de que ele se mostra como *um dos múltiplos modos* pelos quais essa constituição pode se dar.

Ao passo que interrogávamos esse modo específico de conceber a construção de uma tese, buscando compreendê-lo para além do que é tomado como próprio no âmbito da tradição acadêmica, vimos que precisávamos ainda compreendê-lo *em si mesmo*, ou seja, buscar ter clareza quanto à sua *própria constituição* na perspectiva fenomenológica. Entendemos, entretanto, que buscar por essa clareza solicitava refletir acerca do movimento dialético entre *estética* e *episteme* que dá direção à pesquisa e ao modo como ela é construída.

Dissemos no início deste ensaio que as inquietações que nos levaram às reflexões que ora apresentamos, não diziam meramente de questões de *layout*, *aparência* ou mesmo da *estrutura organizacional* de um texto acadêmico. Ao dizer isso distanciamos-nos, de certo modo, da *estética* como entendida pelo Kantismo¹⁵, associada às questões artísticas, à beleza e aproximamos-nos, por outro lado, da *estética*, do grego *Isthētikós, é, ón*, como relativa à *percepção* (Japiassú & Marcondes, 2002).

A *percepção*, por sua vez, pode ser entendida como “um feixe de luz que revela os objetos no lugar em que estão e que manifesta a presença deles, até então latente” (Merleau-Ponty, 2006, p. 288). Entretanto, o

¹⁴ *Lebenswelten* como mencionado por Husserl diz respeito ao “o mundo da experiência comum (o mundo vivido) [que] é reabilitado pela fenomenologia como a realidade a partir da qual todas as concepções e construções de outros domínios da existência começam e para as quais esses domínios essencialmente se referem” (Gurwitsch, 1957, p. 397-398, tradução nossa).

¹⁵ Diz da “doutrina do filósofo alemão Immanuel Kant . . . que almeja estabelecer os limites e a legitimidade das potencialidades cognitivas da razão, e apontar as condições de possibilidade apriorísticas do conhecimento e da legislação moral, inerentes à constituição universal do espírito humano” (Houaiss, 2017, p.1).

[...] que aprendemos de fato ao considerar o mundo da percepção? Aprendemos que nesse mundo *é impossível separar as coisas de sua maneira de aparecer* . . . e que a *forma* e o *conteúdo*, o que *diz* e a *maneira pela qual se diz não [podem] existir separadamente*” (Merleau-Ponty, 2004, p. 56-59, grifo nosso).

Considerar, pois, a possibilidade de apresentar uma pesquisa fenomenológica no formato *Multipaper* como um movimento dialético entre *estética* (relativa à *percepção*) e *episteme*, envolve reconhecer a intrínseca relação entre o que *se diz* e a *maneira como se diz*, entre o *conteúdo* e a *forma* e, no caso das discussões instauradas por este ensaio, entre a *interrogação* e os *caminhos investigativos por ela delineados*.

Ao ponderar sobre essas questões, entendemos que assumir a postura fenomenológica, desenvolvendo uma investigação no formato *Multipaper*, envolve *deixar-se conduzir* pela interrogação; *pôr-se em caminho* olhando atentivamente para o fenômeno de estudo e para seus múltiplos modos de doação, tomando-os como *partes* constitutivas de um *todo* e compreendendo que essas, ainda que se revelem “pouco a pouco [,] nunca [o fazem completamente]” (Merleau-Ponty, 2006, p. 290), pois a “coisa sempre pode ser apresentada em mais modos do que os que já conhecemos; a coisa sempre guarda mais manifestações em reserva” (Sokolowski, 2000, p. 37).

Quando falamos de *partes* e *todos*, falamos do que Sokolowski (2000) discute como estruturas formais da fenomenologia. Ele diz:

Totalidades podem ser analisadas em dois tipos diferentes de partes: pedaços e momentos. *Pedaços* são partes que podem subsistir e ser apresentadas até separadas do todo; [assim], quando separados, os pedaços tornam-se todos em si mesmos e não são mais partes. Os pedaços, então, são partes que podem vir a ser todos . . . *Momentos* são partes que não podem subsistir ou ser apresentados separados do todo ao qual pertencem, eles não podem ser destacados. Os momentos são partes *não-independentes* (Sokolowski, 2000, p. 32, grifos do autor).

Nessa dimensão, podemos tomar a construção de uma tese *Multipaper* na perspectiva fenomenológica¹⁶ como uma *totalidade* constituída de *momentos*. Esses *momentos*, corporificados em *artigos*, ainda que sejam singulares quanto à sua estrutura e discussão “não formam uma soma, um todo que possa ser visto como um agregado, mas sim um todo de tipo

¹⁶ De certo modo, essa discussão pode ser estendida ao âmbito de uma investigação constituída em outros formatos, inclusive no tradicional, uma vez que cada parte (capítulo, etc) que a compõe é elaborado tendo como fio condutor o problema de pesquisa. São, portanto, dele dependentes e, por mais que possam apresentar diferentes discussões, todas, enquanto conjunto, buscam explicitar particularidades do objeto de estudo que visam compreendê-lo em profundidade.

diferente, ‘[pois] se interpenetram, são um no outro e não um exterior ao outro’” (Moura, 1989, p. 192).

Sendo assim, do ponto de vista de sua gênese, os *momentos-artigos* não podem ser pensados senão como parte de um todo mais amplo: *a tese*. São, desse modo, *partes não-independentes* da interrogação que orienta o movimento fenomenológico de investigação delineado pelo pesquisador, formando um *todo* na medida em que entre eles há uma “comunidade de essência¹⁷”, quer dizer, [suas] respectivas essências genéricas subsumem-se a um mesmo ‘gênero supremo’” (Moura, 1989, p. 193).

A referência feita por Moura (1989) ao que disse Husserl (1900a-1901) quanto à *comunidade de essência*, quando trazida ao diálogo neste ensaio, nos permite dizer que há entre os *momentos-artigos* um sentido *comum*, suas essências - aquilo que persiste de fundamental em cada um deles - coadunam-se contribuindo não só para que seja explicitada a estrutura do fenômeno interrogado, mas, notadamente, para que a essência deste seja trazida à clareza.

Dizer isso implica em dizer que, tendo como cerne a interrogação, os *momentos-artigos* mostram-se dela dependentes e nela mutuamente instituídos, cada qual explicitando particularidades inerentes a aspectos fundamentais do fenômeno. Esses aspectos dialogam entre si e, em suas especificidades, desvelam paulatinamente a essência do todo, permitindo que ela seja *dada a conhecer*.

Dissemos na introdução que *dar a conhecer* envolve partilhar significações. Isso diz não apenas do movimento intencional de investigação delineado pelo pesquisador, mas, notadamente, da *publicação* do texto da tese. Se na perspectiva fenomenológica podemos pensar a tese *Multipaper* como constituída de *momentos não-independentes*, logo, por mais que possam ser *dados a conhecer*, ou seja, *publicados separadamente*, do ponto de vista de sua constituição, os *momentos-artigos* continuam dependentes da interrogação que os instaura.

Entendemos que o fenômeno não se mostra de forma isolada, buscamos compreendê-lo em uma região de inquérito. Sendo assim, quando falamos dos *momentos-artigos* falamos da possibilidade de expor aspectos das regiões de inquérito nas quais se situam os fenômenos interrogados, isto é, de revelar perspectivas compreensivas, independentemente da filiação de

¹⁷ Husserl (1900-1901, p. 398) esclarece comunidade de essência dizendo que “um conteúdo A é dependente em relação a um conteúdo B quando existe uma lei, fundada nas essências genéricas de A e B, segundo a qual um conteúdo de gênero A só pode existir ligado com um conteúdo do gênero B”.

pesquisa assumida pelo pesquisador ou mesmo do nível da investigação, seja ela de mestrado ou doutorado.

Sob essa perspectiva, podemos inferir que publicar uma pesquisa assumida na atitude fenomenológica no formato *Multipaper*, não compreende esboçar um panorama prévio daquilo que se pretende investigar, tampouco impedir que o fenômeno se mostre. Compreende, por outro lado, percorrer intencional e rigorosamente os caminhos de pesquisa orientados por uma interrogação, buscando expor aspectos significativos à compreensão do fenômeno.

Assim, os *momentos-artigos* não trarão todos a estrutura do fenômeno interrogado, visarão trazer à clareza aspectos que se mostrem relevantes à evidenciação de sua estrutura, de modo que cada passo dado, cada *momento-artigo* constituído e publicado, apresenta-se como uma *maneira pela* qual o fenômeno se *apresenta à vista* não apenas daquele que o interroga, mas, dos que aceitam o convite ao diálogo disparado pelo pesquisador ao difundir sua pesquisa.

Quando falamos dos que aceitam o convite ao diálogo, falamos dos *leitores*. Discutir os artigos que compõem uma tese *Multipaper* sob a ótica deles, pode implicar em discuti-los em termos de pedaços, uma vez que não participam do movimento de constituição da interrogação de pesquisa e do fenômeno. Por que dizemos isso? Sokolowski (2000) menciona que *pedaços* podem ser entendidos como *todos em si mesmos*, uma vez que são capazes de ser apresentados separados do todo que os constitui.

Do mesmo modo, ao considerar separadamente os artigos que constituem uma tese *Multipaper*, os leitores podem ser levados a tomá-los como *todos em si*, haja vista que, cada qual, em sua especificidade, pode trazer à vista aspectos do fenômeno interrogado, favorecendo que sejam inauguradas acerca dele novas inquietações, significações e a possibilidade de vê-lo em determinado contexto (realidade vivida) e não em outro.

Entendemos, entretanto, que isso não altera o movimento constitutivo da pesquisa que, como dissemos, depende da interrogação que o instaura. Os artigos continuam se mostrando, em sua origem, como *momentos dependentes do todo*. Sendo assim, em sua singularidade eles lançam luzes sobre a região de inquérito na qual o pesquisador se move para compreender o fenômeno de pesquisa e explicitá-lo.

Em síntese, os *momentos-artigos* estão atrelados ao fenômeno, fenômeno esse que se mostra para aquele que a ele se volta intencionalmente e em uma região de inquérito.

Além do dito

Ao retomarmos o título deste ensaio, “Tese no formato *Multipaper*: desvelando uma possibilidade na perspectiva fenomenológica de investigação”, as palavras *desvelar* e *possibilidade* levam-nos a uma última reflexão fenomenológica.

Desvelar significa tornar *claro, conhecido*. Esta é uma tarefa que solicita diligência daquele que a desempenha, pois envolve *expor* o que antes *estava oculto*. Isso se dá em termos de linguagem, ou seja, focar aquilo que se mostra no movimento da consciência e esclarecê-lo, lançar uma luz sobre o que se buscava que muitas vezes, de tão próximo, é encoberto e confuso. Quando ponderamos acerca desses significados entendemos que, de certo modo, eles dizem do movimento que delineamos ao buscarmos no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu* das áreas de Educação e Ensino, não só pela abertura ao formato *Multipaper* para o desenvolvimento de pesquisas, mas, destacadamente, pelas orientações e exigências quanto ao *que e como* fazê-lo. Em termos fenomenológicos, nos desprendemos do formato em si, da estrutura dada e esclarecemos o óbvio, que nem sempre é claro: o formato é secundário em relação à visão clara sobre o fenômeno focado, bem como a clara exposição do que se torna possível dizer sobre ele. Com isso, não desconsideramos o formato e nem as exigências regulamentares que possam ser impostas pelos PPG, mas que se deve fazer o movimento primário de clarear o que se visa, buscando modos de explicitá-lo, para este formato.

Ainda que alguns possam dizer que a adoção do formato *Multipaper* para o desenvolvimento de pesquisas de mestrado e doutorado seja uma prática comum e, portanto, *conhecida* em campos como a Biologia e a Engenharia, podemos dizer que no contexto da Educação e Ensino, e transitivamente para a Educação Matemática no Brasil, mais especificamente, na perspectiva fenomenológica a situação é distinta, solicitando *esclarecimentos*. Há, como vimos, escassez de pesquisas que tomem o formato como foco de estudo, o que pode ser analogamente estendido às pesquisas e programas com nomenclaturas de Educação Matemática. Há, do mesmo modo, ausência de pesquisas que busquem compreendê-lo para além das questões metodológicas e estruturais do texto, interrogando-o filosófica e epistemologicamente sob diferentes perspectivas de pesquisa, notadamente, a fenomenológica.

Entendemos que buscar compreender filosófica e epistemologicamente a constituição de uma pesquisa fenomenológica no formato *Multipaper* ou mesmo, em outra perspectiva, não

tomada por nós como fenômeno de estudo, diz da segunda palavra que destacamos do título: *possibilidade*.

Possibilidade é abertura. Dizemos isso, pois a *abertura* é uma das estruturas existenciais do *Dasein – ser-aí* – (Heidegger, 2015), que ao *ser-no-mundo* se envolve em um fazer; se abre e, “ao abrir-se contata os entes e os desvela” (Braga & Farinha, 2017, p. 65). Assim, ao interrogar o *desvelar de uma possibilidade na perspectiva fenomenológica*, o que se intenciona é a clareza da *abertura* do *ser-aí*, pesquisador fenomenólogo, para expor o investigado em uma tese, em formato *Multipaper*.

Essa *abertura* perpassa todo o fazer e dizer e o lança no aberto pela tese *Multipaper*, fazendo-o interrogar suas possibilidades, isto é, sua própria abertura. Explicita-se aqui, a disposição do pesquisador em *entender*, uma vez que o *entender* é um abrir-se ao mundo, é um movimento que abrange o poder-ser-no-mundo livremente, atento a suas possibilidades (Heidegger, 2015).

Ao procurar compreender *como se dá* o movimento de constituição de uma tese *Multipaper* na perspectiva fenomenológica demo-nos conta, para além do já discutido, de que estamos falando de um movimento que *não* se delinea da *estrutura* para o *sentido*, uma vez que não é o formato que impõe o modo como a pesquisa será esboçada, isto é, como serão construídas, organizadas e apresentadas as *partes* que compõem o *todo*: a tese. Ao contrário, o movimento dá-se do *sentido* para a *estrutura*, pois há uma inquietação que impulsiona o pesquisador a interrogar.

A interrogação, no que lhe diz respeito, indica *quem são* e *como deverão* ser organizadas as *partes essenciais* que permitirão a construção da dissertação ou tese, levando à explicitação mais clara possível do fenômeno focado.

A construção do texto de uma dissertação ou tese no formato *Multipaper* não se trata, portanto, da soma linear de partes que comporão o todo. Falamos aqui de um movimento vivo, no qual o texto escrito pelo pesquisador se mostra pleno de significação e manifesta seu discurso; suas compreensões.

Os momentos-artigos não estão, portanto, limitados à linearidade imposta por um sumário previamente estabelecido. Há, pois uma inquietação que move o pesquisador a interrogar e essa, por sua vez, indica não apenas os caminhos metodológicos a serem delineados para a pesquisa, mas dirige o olhar do pesquisador para os distintos aspectos do fenômeno de

pesquisa que necessitam de esclarecimentos. Cada aspecto, no que lhe concerne, abre novas compressões que podem se expressar em artigos.

Referências

- Badley, G. (2009). Academic writing: contested knowledge in the making? *Quality Assurance in Education*, Bradford, 17(2), 104-117.
- Barbosa, J. C. (2015). Formatos insubordinados de dissertações e teses na Educação Matemática. In B. D' Ambrósio & C. E. Lopes (org.). *Vertentes da subversão na produção científica em educação matemática* (pp. 347-367). Campinas: Mercado de Letras.
- Bicudo, M. A. V. (1993). A Hermenêutica e o Trabalho do professor de Matemática. *Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativos*, 3(3), 63-96, 1993.
- Braga, T. B. M., Farinha, M. G. (2017). Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 23(1), 65-73.
- Brasil. (2014). Fundação Capes-plataforma Sucupira. Ministério da Educação (org.). *O que é a Plataforma Sucupira*. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/plataforma-sucupira>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- Broughton, J., & Carriero, J. (2012). *A companion to Descartes*. Oxford: John Wiley & Sons, 2010.
- Costa, W. N. G. (2014). Dissertações e teses Multipaper: uma breve revisão bibliográfica. In *Anais do VIII seminário sul-mato-grossense de pesquisa em educação matemática* (pp. 1-10). Araguaia: UFMS, 2014. p. 01-10. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/sesemat/article/view/3086/2512>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- Duke, N. K., Beck, S. W. (1999). Research news and comment: Education should consider alternative formats for the dissertation. *Educational Researcher*, 28(3), 31-36.
- Fiorentini, D. (2011). Parâmetros balizadores de pesquisa no Brasil. In: *Fórum de discussão sobre parâmetros balizadores da pesquisa em Educação Matemática*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M37ECcmBtmw>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- Fiorentini, D. (2016). Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In M. C. Borba, & J. L. Araújo (org.). *Pesquisa qualitativa em educação matemática* (pp. 47-76). (5. ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Frank, A. G., & Yuyihara, E. (2013). *Formatos alternativos de teses e dissertações* [Blog Ciência Prática], 2013. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/blogdabc/teses-e-dissertacoes-pros-e-contras-dos-formatos-tradicional-e-alternativo/>. Acesso em: 04 nov. 2019.
- Gadamer, H. G. (1997). *Verdade e método*. (3. ed.). Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes.

- Gurwitsch, A. (1957). The Last Work of Edmund Husserl. *Philosophy and Phenomenological Research*, 17(3), 370-398.
- Heidegger, M. (2015). *Ser e tempo*. (10. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Houaiss, A. (2017). *Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos*. (6. ed.). São Paulo: Objetiva.
- Husserl, E. (1900a). *Investigaciones Lógicas* (2. ed.). Trad. José Gaos. Madrid: Alianza.
- Husserl, E. (1990b). *A idéia da fenomenologia*. Trad. Artur Morão. Edição. Lisboa: Edições 70.
- Husserl, E. (2001c). *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Trad. Frank de Oliveira. Edição. Porto: Rés.
- Husserl, E. (2008d). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Evanston: Northwestern University Press, Illinois, Phenomenon.
- Japiassú, H., & Marcondes, D. (2002). *Dicionário Básico de Filosofia* (2. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Klüber, T. E. (2012). *Uma metacompreensão da Modelagem Matemática na Educação Matemática*. (Tese de Doutorado). Centro de Ciências Físicas e Matemáticas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Merleau-Ponty, M. (1962a). A Jean-Paul Sartre (a linguagem indireta e as vozes do silêncio). In M. Merleau-Ponty. *Sinais* (pp. 57-121). Lisboa: Minotauro.
- Merleau-Ponty, M. (1962b). Sobre a fenomenologia da linguagem. In M. Merleau-Ponty. *Sinais* (pp. 123-145). Lisboa: Minotauro.
- Merleau-Ponty, M. (1977). *La fenomenologia y las ciencias del hombre*. (3. ed.). Buenos Aires: Editorial Nova.
- Merleau-Ponty, M. (2004). *Conversas-1948*. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *A Estrutura do Comportamento: precedido de uma filosofia da ambiguidade de Waelhens*. Trad. Márcia Valéria Martinez Aguiar. São Paulo: Martins fontes.
- Moura, C. A. R. (1989). *Crítica da razão na fenomenologia*. São Paulo: Nova Stella.
- Moura, C. A. R. (2006). Prefácio. In E. Husserl. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. (5. ed.). (pp. 15-25). Aparecida: Ideias & Letras.
- Mutti, G. S. L., Klüber, T. E. Seminário internacional de pesquisas e estudos qualitativos, 5., 2018. Foz do Iguaçu. *Anais...* Foz do Iguaçu: SEPQ, 2018. p. 01-14.
- Nassi-Calò, L. (2016). Teses e dissertações: prós e contras dos formatos tradicional e alternativo [online]. *SciELO em Perspectiva*, [viewed 23 November 2019]. Available from: <https://blog.scielo.org/blog/2016/08/24/teses-e-dissertacoes-pros-e-contras-dos-formatos-tradicional-e-alternativo/>. Acesso em: 23 nov. 2019.
- Ricoeur, P. (2005). *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70.

Sokolowski, R. (200). *Introdução à fenomenologia*. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola.

Tourinho, C. D. C. (2013). A consciência e o mundo na fenomenologia de Husserl: influxos e impactos sobre as ciências humanas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(3), 852-866, Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8224/5975>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Autores:

Gabriele de Sousa Lins Mutti

Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste. Mestrado em Ensino pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste e Doutorado em Educação em Ciências e Educação Matemática Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste. Atualmente é professora da Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Paraná. Tem experiência em Educação Matemática, Modelagem Matemática e Fenomenologia.

E-mail: gabi_mutti@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6347-7207>

Tiago Emanuel Klüber

Licenciado em Matemática pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro. Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG e Doutorado em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Tem experiência em Educação Matemática, Modelagem Matemática.

E-mail: tiagokluber@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0971-6016>

Como citar o artigo:

MUTTI, G. de S. L.; KLÜBER, T. E. Tese no formato multipaper: desvelando uma possibilidade na perspectiva fenomenológica de investigação. **Revista Paradigma**, Vol. XLIII, Edição Temática: Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática, pp 36-58, mayo, 2022